

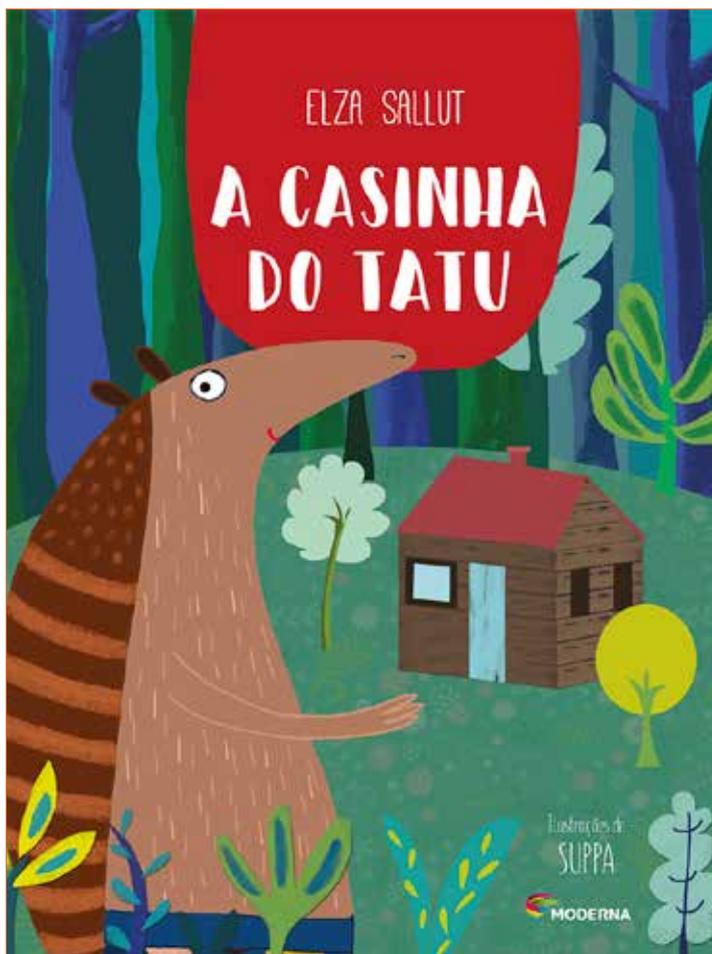
MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR
Contextualização da obra

A CASINHA DO TATU

Elza Sallut

Ilustrações de Suppa

Coordenação pedagógica Maria José Nóbrega



DE LEITORES E ASAS

Maria José Nóbrega

“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois

pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova ao lado, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos

esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vida pessoalmente ou “vívuda” por meio da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso, “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.



UM POUCO SOBRE ELZA SALLUT, A AUTORA DE *A CASINHA DO TATU*

Elza Sallut nasceu em 1938, numa pequena cidade do interior de São Paulo chamada Maristela. Mudou-se para a cidade de São Paulo, onde trabalhou como secretária executiva durante vinte anos. Foi em 1981 que começou a publicar seus primeiros livros. Mas a vocação para inventar histórias tinha começado muito antes: adorava contar histórias para as crianças de sua família. Dedicou-se muito, também, aos estudos de literatura infantil e à promoção da leitura, participando de diversos programas, como “Leitura Comunidade” e “Hora do Conto”, levando literatura a escolas, bibliotecas e até parques.

A OBRA

Dona Raposa morava em um elegante palacete. Um dia, indignada, percebe que o Senhor Tatu está construindo um casebre no terreno vizinho, aliás, ele pagou a duras penas à proprietária, a própria raposa. Querendo impedir a obra, tão indigna de sua moradia tão nobre, Dona Raposa vai queixar-se ao Rei Leão. Mas termina levando a pior, pois o rei, ao conhecer o palacete, aprecia-o tanto que acaba confiscando-o para si. É a vez de a raposa sentir na pele (ou no pelo!) o problema dos desabrigados. E, com o rabo entre as pernas, só lhe resta pedir abrigo ao tatu. Dona Raposa aprendeu a ser generosa e hoje mora feliz num casebre igual ao do tatu.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Nessa história simples e bem-humorada, desfilam, na pele dos animais, tipos humanos típicos de nossa organização social: o arrogante, o prepotente, o humilde, o generoso. A trama baseia-se na ideia do “peixe maior que come o menor” e, assim, põe em destaque a questão dos direitos do cidadão. O desfecho divertido mostra também que, às vezes, o vilão consegue regenerar-se.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Conto.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Ciências, Geografia.

Tema contemporâneo: Vida familiar e social.

Público-alvo: Pré-escola – crianças de 4 e 5 anos da Educação Infantil.